



O ENCONTRO ENTRE AS RELIGIÕES NA PERSPECTIVA DA ESPERANÇA EM JÜRGEN MOLTSMANN

(The encounter between religions in the perspective of hope
in Jürgen Moltmann's thought)

Tiago de Fraga Gomes

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), com estágio sanduíche pela Ruhr-Universität Bochum, Alemanha
Mestre em Teologia, Bacharel em Teologia e Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS)
E-mail: tiago_mail@yahoo.com.br

Janaína Santos Reus Freitas

Mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS)
Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI/SC)
Licenciada em Geografia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/RS)
E-mail: janaina-freitas@educacao.rs.gov.br



RESUMO

O presente artigo pretende abordar como tema o encontro entre as religiões na perspectiva da esperança em Jürgen Moltmann. Em um primeiro momento, percebe-se que diante dos graves problemas que afetam a sociedade hodierna, faz-se necessária uma colaboração entre as diferentes religiões, o que só será possível se houver uma perspectiva de mudança que tenha por base a esperança na transformação da realidade atual. Em um segundo momento, discute-se a necessidade de uma teologia da esperança que mude os pensamentos e construa novas perspectivas desde a fé, e que fortaleça os vínculos colaborativos de todos aqueles que almejam o mesmo ideal de edificação de um mundo alternativo, onde haja justiça e paz. Um terceiro momento terá como base o seguinte questionamento: a partir do *eschaton*, que outro mundo é possível edificar? Como tese, buscar-se-ão no pensamento de Moltmann as razões para entender que no *eschaton* o que une prevalece sobre o que divide, pois as urgências de transformação superam as divergências, sendo fundamental a perspectiva da esperança como lente desde a qual é possível vislumbrar um encontro colaborativo entre as religiões.

Palavras-chave: Encontro; Esperança; Religiões; *Eschaton*; Moltmann.

ABSTRACT

The present article intends to approach as its theme the encounter between the religions in the perspective of the hope in Jürgen Moltmann. In the first moment, it is noticed that, due to the serious problems that affect today's society, there is the necessity of having a cooperation among the different religions, which will only be possible if there is a perspective of change based on hope in the transformation of the current reality. Secondly, there is the discussion about the need for a theology of hope that changes our thoughts and builds new perspectives from faith, and that strengthens the collaborative bonds of all those who seek the same ideal of building an alternative world, where justice and peace are its base. A third moment will be based on the following question: from the *eschaton*, what other world is it possible to build? As a thesis, Moltmann's thought will be the reason to understand that in the *eschaton* what unites prevails over what divides, for the urgencies of transformation overcome divergences, being fundamental the perspective of hope as lens from which it is possible a collaborative encounter between religions.

Keywords: Encounter. Hope. Religions. *Eschaton*. Moltmann.

INTRODUÇÃO

O presente artigo utiliza a metodologia em pesquisa bibliográfica sob a perspectiva da teologia de Jürgen Moltmann, teólogo nascido em 18 de abril de 1926, em Hamburgo, Alemanha. Seus estudos em teologia iniciaram numa situação inusitada, quando ainda estava encarcerado no campo de prisioneiros de Northon-Camp, Inglaterra. Ali se encontravam alguns professores que ministravam lições de teologia. Em 1948, quando retornou para a Alemanha, deu continuidade aos estudos na Universidade de Göttingen, até 1952. De 1953 a 1958, exerceu atividades pastorais. Moltmann inicia sua docência em 1958, passando pela Escola Kirchliche Hochschule de Wuppertal, e pelas Universidades de Bonn, Tübingen e Due University/EUA, essa última no caráter de professor visitante. Moltmann é um dos mais conhecidos e influentes teólogos do século XX.¹

¹ Cf. SOUZA, Giovani Pereira. *Jürgen Moltmann: a teologia da esperança*. Disponível em: <<https://ejesus.com.br/jurgen-moltmann-a-teologia-da-esperanca/>>. Acesso em 09 de set. de 2018; SOUZA, David Rubens de. *Jürgen Moltmann, profeta da esperança*. Disponível em:



Em um primeiro momento, o foco será a perspectiva ética. Diante dos graves problemas que afetam a sociedade hodierna, se faz necessária uma colaboração mútua entre as diferentes religiões, o que só será possível se houver uma perspectiva de mudança através do fomento de uma ética que tenha por base a esperança de transformação da realidade atual. O segundo passo da presente reflexão terá como meta a dimensão teológico-escatológica, segundo a qual se faz necessária uma teologia da esperança escatológica que mude os pensamentos e construa novas perspectivas desde a fé, e que fortaleça os vínculos colaborativos de todos aqueles que almejam o mesmo ideal de edificação de um mundo alternativo, onde haja justiça e paz. A terceira parte do texto trabalhará especificamente a partir da dimensão escatológica desde a possibilidade de um encontro edificante entre as diferentes tradições religiosas, na certeza de que o que une prevalece sobre o que divide, pois as urgências de transformação superam as divergências.

1. ÉTICA DA ESPERANÇA E EXPECTATIVA DE ALERTA

Diante dos graves problemas sociais que abalam o planeta atualmente, Moltmann aposta em uma colaboração ético-prática entre as pessoas de diferentes crenças e linhas de pensamento.² Por isso apresenta algumas propostas éticas a fim de propiciar a aproximação, o diálogo e a colaboração prática entre as pessoas de diferentes tradições religiosas, com o intuito de buscar uma resposta “aos perigos que ameaçam a todos em escala global.”³ Para resolver os problemas comuns, é fundamental o diálogo e a colaboração de todos por vias diversas.⁴ Para isso, se faz necessária uma ética que abra os olhos para uma possibilidade de transformação. De acordo com Moltmann, toda ética que tem como horizonte a esperança e se nutre de um substrato escatológico, tem como consequência uma inclinação transformadora. “A esperança da transformação escatológica do mundo efetuada por Deus conduz a uma ética transformadora.”⁵ Sem esperança, não há ética transformadora, e sem uma ética que conduz à transformação, não há um futuro possível diante da atual conjuntura.

Segundo Moltmann, é preciso atentar para a realidade caótica da globalização atual, colapsada pelo sistema financeiro capitalista, gerador de relações voláteis e inseguras, e perpetrador da destruição ecológica a nível mundial. Diante de tantos desafios, Moltmann aposta em uma ética da esperança, pois sem esperança, não é possível agir, nem transformar. Para Moltmann, empreende-se apenas o que se considera como possível de ser alcançado. “Se esperamos, por exemplo, a continuidade do mundo como ele é, mantemos as coisas assim como elas são. Se esperamos um futuro alternativo, modificamos as coisas, na medida do possível, já agora, de maneira correspondente.”⁶ Se não há esperança de futuro, nada mais é possível, e pouco se pode fazer para mudar algo. Por isso, antes de mais nada, o que deve mover ao diálogo e à colaboração prática entre as religiões é a necessidade de sobrevivência diante da atual conjuntura, mas, sobretudo, a esperança de que é possível, juntos, mudar essa realidade

<<https://biblicoteologico.blogspot.com/search?q=moltmann>>. Acesso em 09 de set. de 2018.

² Cf. RODRIGUES, Adriani Milli. O diálogo das religiões mundiais em Jürgen Moltmann, p. 32.

³ MOLTSMANN, Jürgen. *Ética da esperança*, p. 10.

⁴ Cf. RODRIGUES, Adriani Milli. O diálogo das religiões mundiais em Jürgen Moltmann, p. 28.

⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *Ética da esperança*, p. 11.

⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Ética da esperança*, p. 15.



desafiadora.

É preciso acreditar em outro mundo possível, do contrário, findam-se os projetos e as perspectivas. Todo senso de possibilidade tem como pano de fundo a esperança. A esperança sustenta o agir livre, muito mais que o dever. Há sempre uma expectativa em alerta que “desperta a atenção de todos os sentidos para aproveitar as oportunidades”⁷, pois, segundo Moltmann, “onde todos os sentidos ficam atentos, a razão humana se torna portadora de um saber transformador.”⁸ Conhece-se a realidade não só por como esta veio a ser e se mostra atualmente, mas também, como é possível pensá-la, a sua possibilidade de ser. Ou seja, a esperança, mesmo em meios às contradições e aos revezes existenciais, desperta para o senso de possibilidade, segundo o qual, uma nova realidade se descortina diante dos olhos.

A esperança articula exuberantemente os objetivos esperados, buscando a meta almejada, mesmo que na contramão das expectativas dos pessimistas. Afirma Moltmann que “somente se quisermos o agora impossível, chegaremos aos limites das nossas possibilidades.”⁹ No entanto, é preciso conjugar a esperança com certa dose de temor, a fim de identificar o perigo antecipadamente. É necessário articular uma ética da esperança com uma expectativa de alerta. Porém, não cultivar medos difusos que “levam, em geral, à resignação desesperada e à inércia paralisante ou a reações exageradas”¹⁰, mas perceber que “no medo, está em jogo a nossa vida; na esperança, uma vida plena.”¹¹ Moltmann chama a atenção de todas as religiões para o fato de que “no excesso de esperança, a tentação é o utopismo; no medo, é o alarmismo.”¹² Por isso, um senso de alerta é importante para ver as crises, enquanto que uma ética da esperança é imprescindível para vislumbrar as oportunidades na crise.

Diante de uma preocupação pela continuidade da humanidade, devido os efeitos imprevisíveis da técnica, a profecia da maldição (temor) geralmente chama mais a atenção do que a profecia da inovação (esperança). É uma questão de responsabilidade pelo presente. No entanto, afirma Moltmann que “a esperança precede o temor”¹³, pois sem esperança não haveria o que temer, não haveria nada a perder. A ética da esperança “mobiliza forças a partir da superação dos medos”¹⁴ e pressupõe um horizonte escatológico de transformação da realidade vigente, sendo assim, é um “agir transformador correspondente”¹⁵ que antecipa no agir o que se espera na fé. A espiritualidade por trás do agir judaico-cristão, de modo especial, é a vigilância messiânica que desperta para o vindouro, seja pelo medo do mal ou das catástrofes, seja pela esperança da vinda eminente do Reino de Deus. O ato de vigiar, desperta todos os sentidos para o que há de vir, e coloca em expectativa de alerta.

Segundo Moltmann, “saber esperar significa também não se adequar às condições desse

⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Ética da esperança*, p. 15.

⁸ Ibidem. p. 15.

⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Ética da esperança*, p. 16.

¹⁰ Ibidem. p. 16.

¹¹ MOLTSMANN, Jürgen. *Ética da esperança*, p. 16-17.

¹² Ibidem. p. 17.

¹³ Ibidem. p. 17.

¹⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *Ética da esperança*, p. 18.

¹⁵ Ibidem. p. 18.



mundo de injustiça e de violência. Quem espera a justiça de Deus não reconhece a assim chamada força normativa do fático, porque sabe que um mundo melhor é possível.¹⁶ Nesse sentido, a ética da esperança conduz as diferentes religiões a elaborar uma teologia da esperança que se afirma em uma confiança na promessa. Esperar significa acreditar que as mudanças do presente são necessárias e possíveis, e que, por isso, é preciso resistir às ameaças e tentações, a fim de não se conformar, nem se adequar, com o *status quo* vigente. Saber esperar não significa de modo algum passividade, mas atividade, pela superação da sensação de impotência; significa que, pela resistência e antecipação de cada ação empreendida, corre-se ao encontro daquilo que se espera. Uma ética da esperança que fomente o diálogo e a colaboração prática entre as religiões é uma ética revolucionária: percebe que o mundo precisa melhorar e faz o possível para que isso aconteça através de uma ação conjunta, visando o mesmo fim, ou seja, a construção de um mundo melhor, mais humano e mais divino.

2. TEOLOGIA DA ESPERANÇA ESCATOLÓGICA E CONFIANÇA NA PROMESSA

No caminho de transformação do mundo em que se vive, em uma perspectiva religiosa, é fundamental uma ética. Porém, é necessário ir adiante, dar um passo além, e construir uma teologia que busque responder aos anseios de transformação que emergem do coração das pessoas de diferentes crenças e tradições religiosas. No entanto, afirma Moltmann que “enquanto a esperança não penetrar e modificar o pensamento e a ação do homem, ela continuará inútil e ineficaz.”¹⁷ Nesse sentido, se faz necessária uma teologia da esperança que mude os pensamentos e construa novas perspectivas desde a fé, e que fortaleça os vínculos colaborativos de todos aqueles que almejam o mesmo ideal de edificação de um mundo alternativo, onde haja justiça e paz.

Moltmann se refere ao sentido da esperança que está no evento fundador das próprias experiências religiosas, que, no caso do cristianismo, é o evento crístico da ressurreição, o qual aponta para o futuro do mundo e do homem como transfiguração. É um esperar sem ver (*Hb* 11,1) que mantém sua expectativa na promessa e fidelidade de Deus que não mente, pois não pode negar a si mesmo, sendo Ele a verdade.¹⁸ Entretanto, não é um esperar passivo, muito pelo contrário, é uma esperança ativa, vinculada ao fazer no presente, e associada ao passado, com um olhar no “*novum*, ou seja, numa novidade sempre nova, que jamais envelhece, que pode ser esperada, mas não planejada e prevista, porque é fruto de um advento.”¹⁹ Falar de esperança para Moltmann é apontar para uma força positiva que faz caminhar rumo a um novo horizonte, sem esquecer-se dos sofrimentos, das vitórias, angústias, e muito menos, de tudo que as envolve. Apesar de utópica, é uma expectativa realista.

A teologia da esperança de Moltmann é fundamentalmente uma teologia escatológica que

¹⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Ética da esperança*, p. 20.

¹⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 22-23.

¹⁸ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*, p. 434.

¹⁹ BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo vem*, p. 74.



nutre a esperança tanto para os vivos quanto para os mortos. Segundo Moltmann, no *eschaton* haverá o encontro definitivo com Deus, o qual julgará a tudo e a todos com justiça, conforme sua promessa. “O julgamento social deverá refazer as relações destruídas entre as pessoas”²⁰, reestabelecendo a ordem. De acordo com Moltmann, o juízo final, mais do que um julgamento condenatório, precisa ser compreendido como um julgamento que estabelecerá a paz pelo reestabelecimento das “relações de comunhão”²¹ destruídas pela maldade e pelas injustiças. A grande lição do juízo que virá é que Deus será “tudo em todos” (*ICor* 15,28), na medida em que todos finalmente viverem em comunhão.

O sentido escatológico de recapitulação em Moltmann agrega outros fatores que se somam à pessoa humana, isto é, a recapitulação se fará numa dimensão cósmica, onde entram os seres humanos e todas as coisas, numa esperança em que o Deus criador abraça tudo. Não no sentido protológico de voltar ao início (paraíso), mas, para além disso “consiste numa transformação deste mundo no mundo futuro da criação eterna”²², num verdadeiro “renascimento do cosmo para uma aparência definitiva”²³, onde toda criação se tornará no templo do Eterno, em que todas as coisas recebem nova forma para adequar-se a Deus, sendo assim a sua pátria. Na há possibilidade de transformação do ser humano sem a transformação do planeta como um todo. Se na plenitude dos tempos serão recapituladas todas as coisas em Cristo (*Ef* 1,10) e tudo será reconciliado por Ele, tanto o que há na terra quanto o que há no céu (*Cl* 1,20), porque por Cristo tudo foi criado (*Cl* 1,16), deve-se falar de um universalismo da graça divina. A reconciliação de tudo deve então ser considerada a expressão da esperança e da confiança na bondade de Deus.²⁴

Segundo Moltmann, o *eschaton* não deve levar ao desespero, mas à esperança, pois se refere ao estabelecimento definitivo da justiça de Deus. E essa justiça não consiste em uma justiça punitiva que considera o bem e o mal, mas numa justiça restaurativa que primeiro considerará os injustiçados para lhes fazer justiça, mas que posteriormente, chamará à justiça corretiva aos agentes perpetradores do mal, porém, para transformá-los e redimi-los com suas vítimas. A imagem do fogo escatológico (*ICor* 3,15) é uma metáfora do amor de Deus que arde como que em chamas, tamanha intensidade, sendo que tudo que é tocado por esse amor, é transformado por ele: o que estiver na mesma temperatura (mesmo amor) será preservado, e o que estiver em contradição (desamor) será aniquilado.²⁵ A perspectiva de Moltmann leva a um juízo de esperança e não de condenação, já que a salvação é a ideia central da escatologia. Em Moltmann, Deus não é evidenciado como um juiz que anseia apenas condenar e punir, mas como um juiz de paz.

A escatologia em Moltmann, baseada na teologia da esperança, está ligada à sua própria vida.²⁶ Moltmann sobreviveu a muitas intempéries, no entanto, não deixou a sua esperança se

²⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *No fim, o início*, p. 177.

²¹ *Ibidem*. p. 177.

²² MOLTSMANN, Jürgen. *No fim, o início*, p. 186.

²³ *Ibidem*. p. 186.

²⁴ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *No fim, o início*, p. 184.

²⁵ *Ibidem*. p. 176.

²⁶ Cf. RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Religiões e paz*, p. 922.



aniquilar: num bombardeio que destruiu sua cidade, livrou-se de ser atingido, não foi morto por uma tempestade de fogo que carbonizou mais de 40.000 pessoas, esteve prisioneiro de guerra por três anos. Nesse combate diário de sobrevivência atrás do arame farpado, pôde sentir o que é viver sem esperança, inerte à dor e à alegria. Três coisas lhe devolveram a esperança: uma cerejeira, que no meio da vida de prisioneiro, o fez rever pela primeira vez o sentido da vida; na Escócia trabalhando como prisioneiro, se sentiu envergonhado por ser tratado com intensa hospitalidade por seus inimigos de guerra, e isso pode mudar, inclusive, sua feição facial, reaprendeu a sorrir; ao receber uma bíblia de um capelão, sentiu-se tocado com o grito de Jesus na cruz e concluiu que ele era um amigo que o compreendia na caminhada.

Em Cristo, Moltmann reencontrou novamente o sentido da vida e a gratidão por esta experiência o fez se decidir por estudar teologia, embora ainda estivesse preso. Na teologia, Moltmann descobriu que em todo o fim está oculto um novo começo, também quando se está em situação de enfrentamento, a fé dá coragem e abre um horizonte de esperança que é sempre necessário para superar as dificuldades. Assim, Moltmann, salvo pela esperança de Cristo, lançou-se a uma nova reinterpretação frente à teologia, entendendo que o ser humano é naturalmente livre, mesmo que sob condicionamentos, e o será definitivamente no fim. Mesmo em meio às contradições da vida presente, não se deve dispensar a memória do passado, mas tê-la como um auxílio a fim de lançar-se na esperança para o *eschaton* que desde agora tudo pode transformar.

3. O *ESCHATON* COMO HORIZONTE DE ESPERANÇA E O ENCONTRO ENTRE AS RELIGIÕES

Para Moltmann, o cristianismo é visceralmente escatológico, e isso favorece o encontro entre as religiões, pois no *eschaton* prevalecerá o que une; não o que divide. Do cerne da própria fé cristã, Moltmann elabora uma teologia da liberdade que supera uma metafísica do passado como condicionante, para aderir a uma paixão criativa pelo *novum* como possibilidade. Segundo Moltmann, “a liberdade, à luz da esperança, é a *paixão criativa pelo possível*”²⁷, que não se volta apenas ao que se pode mensurar, mas para o que é possível construir quando se acredita em algo. Nesse sentido, uma liberdade cheia de esperança “está voltada *para o futuro*”²⁸, de onde Deus há de vir²⁹, como possibilidade ainda não definida e ilimitada. Moltmann compreende a esperança cristã como uma paixão criativa que está sempre voltada a um projeto de futuro, o qual empurra para diante e fomenta, por força da esperança, uma

²⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*, p. 220.

²⁸ *Ibidem*. p. 220.

²⁹ Segundo Leomar Brustolin, na *parusia*, Cristo há de vir para elevar à plenitude toda a obra criada, quando Ele, senhor de tudo, intervir nas condições cósmicas em sua globalidade. Nesse sentido, “a história humana chega à perfeição, portanto, somente pela intervenção do transcendente e justamente da transcendência criadora. A fé cristã professa que o universo está destinado a participar da própria história íntima de Deus. Aqui, então, vale o princípio: nada se perde, tudo se transforma, e mais: tudo será transfigurado; isto é, passa a figura deste mundo e, em Cristo, tudo entra na glória trinitária.” (BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo vem*, p. 163). Em suma, a *parusia* é o cerne da esperança cristã de que tudo será transformado pela glória de Deus que renovará todas as coisas.



razão produtiva e edificante.

Na teologia de Moltmann, o *eschaton* é pensado como a grande oportunidade do encontro redentor, pois Deus “contradiria a si mesmo se não redimisse tudo o que criou.”³⁰ No *eschaton* todas as divisões serão superadas, e toda a criação será elevada à sua plenitude. Sendo assim, a redenção resgatará e reconciliará toda a criação e toda pessoa. A Sagrada Escritura afirma que no fim dos tempos, os que tiverem feito boas obras, irão para a ressurreição da vida, os que tiverem praticado más ações, para a ressurreição da condenação (*Jo* 5,29; *Mt* 25,46). Moltmann faz uma reflexão sobre isso, não baseado no julgamento que separam bons e maus, mas no Senhor como justo juiz, porque é um juiz de paz. É importante lembrar que a base da justificação não será mediante o questionamento a respeito da religião a que cada pessoa se declara pertencer, mas com relação àquilo que se fez de fato durante a espera do *eschaton*. Nesse sentido, o Senhor olhará com alegria aqueles que, tendo como fundamento a ética e a esperança, colocarem em prática a sua responsabilidade de agir com amor no mundo. O parâmetro, a justa medida, não será o credo ou a doutrina, mas o amor com aqueles que dele necessitaram.

Apesar de que a medida do julgamento é o amor verdadeiro do Pai que a todos quer salvar (*ITm* 2,4), vale lembrar o que diz o Catecismo da Igreja Católica quando faz memória da tradição cristã de que há uma responsabilidade pessoal diante do juízo divino, afirmando que “Deus não predestina ninguém para o inferno; para isto é preciso uma aversão voluntária a Deus (um pecado mortal), e persistir nela até o fim” (*CIC* 1037). É a própria pessoa que por suas decisões atrai para si as possíveis consequências de salvação ou danação pelas obras que pratica, pois Deus considera o livre-arbítrio que Ele mesmo concedeu aos seres humanos. Deus é amoroso e justo com as suas criaturas, e respeita a resposta que cada uma delas dá em relação ao seu amor e à sua justiça.

E no que diz respeito às religiões, no Apocalipse de João, capítulo 21, a Jerusalém celeste não tem templo, pois o Senhor é o próprio templo. Nesse sentido, não haverá mais necessidade de religiões. A Nova Jerusalém celeste dará fim às diferenças religiosas. Nela, a presença do Senhor será plena em todos e em todos os lugares. Não haverá divisão, mas sim, unidade em Deus, na *communio Trinitas*, que por sua força de atração, governará a tudo, e nos corações brilhará a alegria de se poder conviver entre irmãos sob a presença do Pai. “A nova Jerusalém não necessita de templo como casa especial de Deus, porque a cidade toda está repleta da presença imediata de Deus e de Cristo. Como cidade do Reino de Deus, nela não existe religião, porque ela é a plenitude e o fim da religião.”³¹ Ou seja, o *eschaton* decretará o fim das diferenças e o encontro definitivo de todas as religiões. Por isso, a consciência do *eschaton* revela um outro mundo possível de edificar, tendo como base a unidade que prevalecerá sobre as divisões, fazendo urgir no presente histórico a importância do diálogo e da colaboração prática entre as diferentes tradições religiosas em prol da transformação do mundo em que se vive atualmente.

O juízo escatológico constitui-se assim como o juízo definitivo para todas as nações. Não será

³⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *A vinda de Deus*, p. 279.

³¹ MOLTSMANN, Jürgen. *A vinda de Deus*, p. 338.



um privilégio de alguns, mas será destinado a todos. Para Moltmann “João vê na Nova Jerusalém uma Aliança de Deus com a humanidade”³², sem distinção de credos ou culturas. Essa globalização cósmica pode ser analisada sob duas perspectivas: a primeira segundo a qual as nações serão integradas na relação de Aliança entre Deus e Israel; e a segunda onde a relação da Nova Aliança entre Deus e a Igreja como Novo Israel será ampliada para todos os povos. A segunda alternativa possibilita verificar que cumprida sua missão, no sentido de ser povo a serviço do que está por vir, Israel e a Igreja se integram com toda a humanidade em uma Aliança escatológica com Deus.

Cristo morreu por todos, não por alguns. A remissão e a recapitulação alcançaram a todos os seres humanos, pois em Cristo “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher” (Gl 3,28), porque todos somos um n’Ele. Deus é Deus de todos os povos. Inspiradas no *eschaton*, as diferentes religiões têm a possibilidade de fomentar a compreensão e a mútua colaboração com o intuito de identificar os pontos de conflito visando à paz.³³ Nesse sentido, o *eschaton* dá a possibilidade de compreender o fim das divisões entre as diferentes religiões à medida que leva a uma práxis de esperança no presente, tendo em vista o futuro universal que há de vir, onde Deus se manifestará em sua misericórdia, estendendo a sua ação transformadora para todos os povos, sem distinção.

CONCLUSÃO

A ética e a teologia da esperança de Moltmann abrem a possibilidade de uma peregrinação conjunta entre todas as religiões rumo às promessas de Deus de um mundo renovado, onde não haverá mais guerras e injustiças, mas bem-aventurança plena para todos. Moltmann reflete desde a vida concreta, com seus dramas e desafios, e não simplesmente a partir de ideias abstratas. Seu anseio é por uma aproximação concreta entre comunidades religiosas, com suas crenças e questionamentos existenciais. O foco da teologia de Moltmann são as questões práticas que afetam diretamente a vida das pessoas.³⁴ Nesse sentido, para refletir a respeito da importância de se distinguir zelo de intolerância, é preciso encarnar o significado mais profundo de estar com Cristo crucificado, em cada situação específica, e pensar: o que Cristo faria nesse momento? Quais seriam suas atitudes? Nesse sentido, a teologia pode expor às pessoas um Deus mais justo e misericordioso, que compartilha as inquietações das pessoas e que quer salvar a todos, muito mais do que para apresentar de forma sintética e sistemática o conjunto das reflexões sobre as religiões e suas doutrinas, com suas diferenças e possíveis conflitos.

A unidade trinitária não é fechada em si mesma, mas é “aberta, convidativa e integradora.”³⁵ Em cada encontro, mesmo com suas diferenças, cada um traz tudo de si, tendo como meta não simplesmente o consenso, mas a verdade.³⁶ É esse Deus que é unidade na diversidade que de acordo com Moltmann se utilizará da escatologia para unir a humanidade, para fazer dela uma

³² Ibidem. p. 338.

³³ Cf. RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Religiões e paz*, p. 923.

³⁴ Cf. RODRIGUES, Adriani Milli. O diálogo das religiões mundiais em Jürgen Moltmann, p. 33.

³⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica*, p. 268.

³⁶ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica*, p. 29.



só n'Ele, onde Ele habitará em um lugar onde não haverão mais diferenças religiosas, pois Ele mesmo será o culto e a adoração perfeita. E é por isso, que já no presente se faz necessário se lançar a agir, para que se alcance a plenitude cósmica perfeita em Deus. Essa vida abundante narrada pela teologia da esperança de Moltmann começa agora, não merecendo ser empurrada para depois, pois a liberdade em Deus já teve seu início. Nesse sentido, afirma Paulo que “é para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Sendo assim, a corrida da fé (2Tm 4,7) estará completa quando todos experimentarem a alegria do Reino de Deus.

A esperança, portanto, visa a uma nova realidade que supera o presente. Ela é uma forma de resistência e espera o movimento de ação do ser humano que a impulsiona para mudar o *status quo* que muitas vezes o aprisiona. Segundo Moltmann, a esperança é criativa, porque transforma seres passivos em agentes colaboradores de Deus. Nessa perspectiva, a esperança provoca o ser humano a viver intensamente em sua vida o que se realiza juntamente com o futuro de Cristo, lançando-o para a eternidade. A esperança torna em realidade histórica aquilo que se espera, por isso, atrai para si, por meio do amor, os que foram excluídos e abandonados. É nesse sentido que Deus, como juiz de paz, deseja salvar a todos, Ele que enviou seu Filho para morrer por todas as nações, e que na transformação escatológica cósmica, levará a todos a viverem juntos como verdadeiros irmãos e irmãs, independente da fé e do credo, em uma realidade nova, inteiramente transformada.

BIBLIOGRAFIA

- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2004.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo vem: a parusia na escatologia cristã*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.
- MOLTMANN, Jürgen. *A vinda de Deus: a escatologia cósmica*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- _____. *Ética da esperança*. Trad. Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- _____. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*. Trad. Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola, 2007.
- _____. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. Trad. Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Herder, 1971.
- _____. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Trad. Ivo Martinazzo. Petrópolis: Vozes: 2000.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Religiões e paz: perspectivas teológicas para uma aproximação ecumênica das religiões. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 917-936, jul.-set. 2012.
- RODRIGUES, Adriani Milli. O diálogo das religiões mundiais em Jürgen Moltmann: uma teologia não-relativista das religiões. *Caminhando*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 23-34, jan.-jun. 2009.



SOUZA, David Rubens de. *Jürgen Moltmann, profeta da esperança*. Disponível em: <<https://biblicoteologico.blogspot.com/search?q=moltmann>>. Acesso em 09 de set. de 2018.
SOUZA, Giovani Pereira. *Jürgen Moltmann: a teologia da esperança*. Disponível em: <<https://ejesus.com.br/jurgen-moltmann-a-teologia-da-esperanca/>>. Acesso em 09 de set. de 2018.

Recebido em: 09/09/2018

Aprovado em: 12/12/2018